



ORGANIZAÇÃO DOS TIMES DE FUTEBOL NA TERRA INDÍGENA LAKLÃNÕ

Antonio Luis Fermino

RESUMO

Este trabalho é um recorte da minha dissertação intitulada O jogo de futebol e jogo das relações entre os Laklãnõ/Xokleng pelo Programa de Pós - Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Laklãnõ. Objetivo: compreender o futebol na formação corporal e cultural da sociedade indígena Laklãnõ/Xokleng. A pergunta de investigação deste trabalho é como o futebol pode contribuir para as relações sociais da formação corporal de uma sociedade? Para coleta de dados foi utilizada a observação participante. O jogo é uma forma de unir, no sentido de que o futebol é um meio em que os sujeitos interagem uns com os outros sem mesmo terem trocado alguma palavra durante a semana.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol 1; História 2; Organização dos Times 3.

INTRODUÇÃO

O futebol em nosso país é o esporte mais praticado pela população que aprecia tal modalidade, sejam jovens, adultos ou idosos. Está presente em todas as casas pelos mais diversos meios de interação, como, por exemplo, a televisão, o rádio, uma bola, uma toalha com a estampa de um clube de futebol, no chaveiro, nas carteiras de algumas pessoas, entre outros meios. “Nenhum país do mundo tem uma relação tão umbilical, formativa e existencial como a relação do brasileiro com o futebol” (CARDOSO, 2005, p. 134). Não é à toa que somos considerados o “país do futebol”, somos vencedores de cinco campeonatos mundiais, com torcedores nascidos e criados em outros continentes, um deles, a África.

O objetivo geral do trabalho: compreender o futebol na formação corporal da sociedade indígena Laklãnõ/Xokleng. Nesse sentido, a pergunta de investigação que subsidiou o trabalho é: como o esporte/futebol pode ser um meio de união das relações sociais da formação corporal de uma sociedade? Para melhor orientação do esforço de busca em relação ao problema, selecionamos algumas questões orientadoras do estudo: como se dão as mudanças dentro das práticas corporais desta comunidade? O futebol colabora na formação cultural Laklãnõ/Xokleng? Como esse esporte é recriado dentro da comunidade? No entanto, para este momento, irei trazer os aspectos históricos do futebol na Terra Indígena Laklãnõ e como o futebol é organizado e por quem ele é organizado.

Como método para a coleta de dados foi utilizada a observação participante. Junto com a observação participante, realizei um relato etnográfico que visa compreender os processos que se estabelecem no cotidiano dos sujeitos pesquisados. Para Geertz:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são só essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1973, p. 04).

A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, de agosto de 2011 a abril de 2012. Agosto foi o período que pude permanecer mais tempo na TI (três semanas). Nos meses seguintes permaneci na aldeia de cinco a sete dias por mês. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram uma câmera filmadora, para registrar as entrevistas, os jogos e os momentos de reunião e uma máquina fotográfica para utilizar como material a ser inserido no texto. Utilizei também um diário de campo, instrumento essencial para realizar diversas anotações durante o período que estive em campo, sendo que muitas vezes procurei reavaliar, reler o que escrevi para evitar análises equivocadas das minhas observações. Os documentos oficiais da FUNAI e FUNASA trouxeram dados referentes ao número da população Laklãnõ/Xokleng e mapas que orientaram uma visão ampla da TI

LAKLÃNÕ/XOKLENG: HISTÓRIAS E PRIMEIROS CONTATOS COM A BOLA

O futebol dentro da terra indígena teve início entre as décadas de 1930 e 1940, após terem o contato com os não indígenas. Não se sabe ao certo quem os ensinou a jogar futebol, mas uma das histórias relatadas no período em que estive em campo é de que o chefe do posto indígena, Eduardo Hoerhann, foi quem os ensinou. Também temos outra história contando que o aprendizado aconteceu quando os indígenas se dirigiam para as cidades limítrofes ao seu território e aprenderam a jogar por observação.

Para o senhor Antonio, “o chefe do posto ensinou eles, até que pegaram aquele vício e não paravam mais, jogavam dia e noite (risos)”¹. Mas para o senhor Voia Patté, “a coisa de esporte aqui nunca existiu, quando o primeiro índio foi pacificado viu, e eu também não sei como é que existiu esse negócio de esporte, eu tive na aula e o professor nunca me

¹ Conversa com o senhor Antonio Caxias Popó, 2012.

explicou”². Nestas breves falas dos senhores mais velhos da aldeia, o esporte foi inserido na terra indígena através do contato com o não indígena. Concordo quando o senhor Voia Patté relata que o professor nunca os ensinou a prática de esportes. Neste período a escola trabalhava apenas com a língua portuguesa e a matemática, sendo o primeiro professor contratado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio, que foi substituído pela FUNAI) em 1954.

“Olha, os índios, os rapazes aprenderam viu dos branco [...] jogar bola, tudo isso que saíram da aula foram estudando, os índios aprenderam, então, vamos fazer. Mas antes os velhos não sabiam de nada, eu fui na aula e não sabia o que era, esse jogo que tá falando eu aprendi também. O índio é papagaio pra aprender”³.

Como o senhor Villi me contou, “*o índio é que nem um papagaio, o papagaio qualquer coisa ele começa a escutar, virar, virar, ouvir até que ele começa falar. Então o índio é assim*”⁴. Dessa maneira compreende-se a forma como os Laklãnõ/Xokleng aprenderam o futebol e trouxeram para dentro da terra indígena. Seus olhares para o novo, para o desconhecido, estavam sempre atentos a novas práticas de se movimentarem, no trabalho com as roças, madeireiras, plantações, como também, com a inserção da igreja na comunidade. O futebol foi sendo inserido de maneira lenta e contínua, ganhando vários adeptos à prática dessa modalidade esportiva que permanece não só entre eles como em outras comunidades indígenas espalhadas pelo país.

“E como eles via os branco fazendo lá fora ele trazia pra cá. E assim foi acontecer. Viram os branco o negócio do futebol, antes aqui na barragem ali tem um campo, chamava de Laranjeiras e tinha uns homem que ninguém perdia quando jogava contra eles. Então daí os índios iam daqui pra lá jogar, já tinha índio formado no divertimento e os índio já jogava lá com eles, e assim o tempo foi passando”⁵.

É a partir dessas observações e repetições dos movimentos realizados pelos não indígenas que o futebol foi sendo inserido na comunidade Laklãnõ/Xokleng, tornando-se uma prática corporal que até os dias de hoje é muito forte entre eles. Esta formação, como o senhor Villi mencionou, é entendida como o aprendizado das técnicas por meio do contato com o outro, aqui, os não indígenas. Formar que tem origem no latim *formare*, apto a exercer determinada função ou movimento, é consequência da *vivência constante com o outro*, de um aprendizado adquirido através da imitação da técnica do outro. Para Mauss (1974, p. 215),

² Conversa com o senhor Voia Patté, agosto de 2011.

³ Conversa com o Voia Patté, agosto de 2011.

⁴ Conversa com o senhor Villi, agosto de 2011.

⁵ Conversa com o senhor Villi, agosto de 2011.

“[...] o que se passa é uma imitação prestigiosa [...] o indivíduo toma emprestado à série de movimentos de que ele se compõe do executado à sua frente ou com ele pelos outros”.

O senhor Rubens conta que o seu avô, conhecido como Vô Maneca⁶, contava a seus filhos e netos que quando os Laklãnô/Xokleng aprenderam a jogar futebol faziam fogo ao redor do campo, para que assim o local ficasse bem iluminado e pudessem jogar a noite inteira. Quem participava desses jogos eram os homens, as mulheres ficavam assistindo seus maridos e filhos jogarem. Os mais velhos dizem que os times de futebol nesse período eram divididos em famílias, o que não acontece atualmente, opinião que não se confirmou com outras pessoas, algumas por não conhecerem totalmente a história, outras por não participarem do futebol. Estes times de futebol por famílias não tinham outro modo de se organizar do que pelo sobrenome, diferente dos times do campeonato brasileiro, em que cada um joga onde é contratado. Neste caso, eles jogavam por afinidades familiares.

Seu Antonio conta que em 1950 houve um torneio de futebol em Timbó, ele ainda era criança e acompanhou o seu pai, vô Maneca, e seu sogro, Covi. Neste evento os colonos também jogaram descalços, mas não conseguiram vencer os indígenas que eram acostumados a caminhar descalços e tinham um físico avantajado.

“O futebol é... Aí tem campo, aí pra baixo... [silêncio] naquele tempo o jogo era mais bruto, que o chefe ensinava eles. Mas eles jogavam, saíam pra fora, até jogaram no Bonsucesso⁷, futebol é... Por aí tudo. Aquele tipo de jogar, só não jogavam calçado de chuteira, era descalço e ainda quebravam aqueles que estavam de chuteira [risos]⁸”.

Nesse tempo os indígenas também convidavam os homens das cidades limítrofes para jogar dentro da terra indígena. O convite era realizado de maneira espontânea e amigável, pois nesse período os indígenas já tinham vários amigos não indígenas em algumas dessas cidades, por trabalharem em algumas delas ou serem pessoas que se casaram com indígenas, criando-se laços afetivos. Os jogos aconteciam aos finais de semana. Para os mais velhos que presenciaram na infância esses eventos, os jogos com outros times significavam uma festividade em que reuniam diversas pessoas para jogar, assistir, beber e comemorar. Um exemplo desse encontro é relatado pela autora Tassinari (2003, p. 372), que observou que “entre os Karipunas, estes jogos fornecem oportunidades para algumas famílias do Oiapoque

⁶ O avô Maneca foi criado por Eduardo Hoerhann, “o pacificador”, e foi seu carteiro. Toda a família Caxias que vive na aldeia é descendente de Maneca, e quem lhe deu o sobrenome “Caxias” foi o próprio Hoerhann. Maneca não tinha sobrenome, então Hoerhann adotou-o, deu-lhe o sobrenome e o criou desde pequeno.

⁷ Time de futebol de Santa Catarina, da região do Alto Vale do Itajaí.

⁸ Conversa com Antonio Caxias Popó 2012.

e Clevelândia passarem um dia na área indígena, quando são servidas de variedades de peixes moqueados, tomam banho no rio Curipi e se divertem”.

“Os índios viram e trouxeram, formaram [construíram] um campo de futebol, uma base de 70 por 80, era grande, esse era o divertimento deles. Então, eles fazia um convite, os jogadores vinham lá de fora jogar com eles, isso era o divertimento deles, as meninas tudo ali, vamos dizer que ali era centro de divertimento, ali pra eles né, todo o sábado a rapaziada, as meninas, mulherada tudo ali se reunia pra fazer essa festividade, esse divertimento deles⁹”.

Como vimos em exemplos anteriores as partidas de futebol não explicitam necessariamente um jogo. São um momento de integração, de reunir várias famílias e comemorar por estarem juntos. Deixo explícito desde já que naquele tempo, entre as décadas de 1930 e 1950, acontecia dessa maneira, hoje em dia a participação nesses jogos segue novos caminhos, novos divertimentos além de estarem juntos no futebol. A integração não permanece apenas dentro da terra indígena, depois que acabam de jogar ficam conversando e bebendo ao lado do campo e neste momento combinam se vão para alguma boate nas cidades vizinhas, ou para um bar e também para a casa de alguém fazer um churrasco e continuar bebendo.

ORGANIZAÇÃO DOS TIMES

Para se ter um time são necessários jogadores que queiram jogar e que tenham habilidades para tal prática. Desde o período que o futebol foi apresentado aos Laklãnõ/Xokleng são organizados times de futebol na terra indígena. Os jogadores eram escolhidos num determinado período da história do futebol Laklãnõ/Xokleng por famílias, seus adversários eram membros de outras famílias, como por exemplo a família Pereira *versus* a família Silva. Mas isso não durou muito tempo, logo na década de 1960 os times começaram a ser organizados pelas amizades, por pessoas que tinham interesse em jogar e por quem mais se destacava nos jogos de futebol realizados dentro da terra indígena. Nesse período havia também uma organização nos times, criando diretorias e treinadores.

“Olha, antigamente era montando pelas pessoas que estavam interessadas, né¹⁰”.

⁹ Conversa com o senhor Villi agosto de 2011.

¹⁰ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

“Os velhos, vamos dizer, foi mais organizado, tinha um campo, um presidente, mas era um time, não era porcaria não, já era famoso, já tinha famoso [mais ou menos década de 80]. Esse aqui foi lá jogar com eles, não tinha um que derrubava eles, eles ia pra ganhar, ele ganhava do Atlético, antigo Atlético de Ibirama¹¹, naquele ano o Atlético de Ibirama era mais famoso também¹²”.

Porém essas diretorias não eram registradas, essa maneira de organizar também partiu do contato que os indígenas tinham com os não indígenas. Não havia registro documentado, mas sim o respeito entre os indígenas que participavam dos times. O que no começo era apenas outra maneira de se distrair passou a ser algo sério, com hierarquias que desenvolviam o trabalho de seleção dos jogadores e de inscrição do time nos campeonatos da região. Sendo assim, o contato dos indígenas da Terra Laklãnõ com os sujeitos das cidades limítrofes proporcionava um aprendizado sobre a organização de um clube de futebol, eles estavam se adaptando aos costumes, às leis dos não índios: “*Era montado presidente, diretoria, tudo, mas nunca ouvi falar de um campo que fosse registrado por uma associação. Mas sempre tinha um presidente. Até o meu tio ‘Pattezinho’ sempre foi presidente do campo lá, da Sede¹³ lá dentro¹⁴*”.

ESCOLHA DOS TIMES PARA CAMPEONATOS MUNICIPAIS: *INVESTIR NA RAPAZIADA*

Para descrever esta parte do trabalho trarei acontecimentos dos últimos 20 anos ou para ser mais exato desde a década de 90, para situar quem são os sujeitos que trabalham de livre e espontânea vontade na organização dos times que participam dos campeonatos municipais.

A primeira pessoa que trago para a discussão é o senhor Zeca Ndilli. Desde sua infância jogou futebol, cursou alguns semestres do curso de Educação Física no Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI é filho de pais evangélicos e atualmente exerce a função de “cacique presidente”, mas sempre jogou e participou dos eventos esportivos e culturais promovidos pela comunidade.

“O esporte entrou na minha vida quando eu era pequeno ainda [...] E assim, fui gostando né, fui indo, aí, a gente tinha ali, não tinha muito acesso a esporte aqui na reserva, porque antigamente era muito difícil, né. Mas, tinha dois campinho aí, um aqui agora chamado de ‘Duque’ e o outro é... lá na

¹¹ O clube Atlético Hermann Aichinger, também conhecido como Atlético de Ibirama, fica sediado na cidade de Ibirama, em Santa Catarina. Em 2012 completou 60 anos de fundação.

¹² Conversa com o senhor Villi, agosto de 2011.

¹³ Aldeia Sede, situada na terra indígena Laklãnõ.

¹⁴ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

Sede antiga lá, era Catarinense, nosso. Aí nós tínhamos dois campo dentro da reserva. E aí, fomos jogando”¹⁵.

Esta inserção no esporte faz parte da trajetória da maioria dos indígenas que nasceram após os mais velhos terem contato com o futebol, prática sempre forte dentro da terra indígena e que permanece e aparece nas crianças de hoje. Não ter acesso aqui, neste caso, é o não contato com o esporte fora da terra indígena e até mesmo pela mídia televisiva, já que atualmente a maioria das casas possui televisão e algumas delas têm antenas parabólicas. E também, por ele pertencer a uma família de evangélicos, em que o esporte é considerado pecado, mas abordaremos este tema com detalhes na próxima seção.

Senhor Zeca começou a organizar times quando sentiu que o seu corpo não era mais o mesmo, contudo ainda gostava de jogar. *“Eu gostava mesmo de futebol, jogava, né, futsal, futebol de campo, aí depois, quando a gente começou a ficar mais velho, com idade já mais avançada, aí eu fui investir na rapaziada”*¹⁶. Este investimento era apenas do senhor Zeca, não havia ajuda de custo para levar os jogadores, o patrocínio do time era por conta do organizador. Para ele o futebol é uma forma de chamar a atenção para as atividades que estão ocorrendo dentro da comunidade. E para apresentar aos mais novos, dar lugar para que outros possam jogar e mostrar seu talento.

“Eu tinha uns quatro, cinco times e patrocinava isso, dava uma despesa grande”, conta. Zeca chegou a ter times de futsal e futebol de campo, seus jogadores participavam dos jogos municipais e jogos que aconteciam dentro da terra indígena. Algumas escolhas aconteciam por amizade, por terem um convívio com ele ou até mesmo por fazerem parte da sua família. Estes jogadores não tinham condições de criar uma equipe e nem mesmo recursos financeiros para ir jogar na cidade, motivo pelo qual Zeca optou em montar times para jogar representando a comunidade.

“Escolhia por amizade, um jogava bem, e ia formando, mas daí, a gente tinha patrocínio, água, comida, então tinha transporte para levar. Então, muitos se interessavam mais por causa disso, né. Porque muitos queriam fazer, mas não tinham condições. Então, como a gente levava e trazia de volta tudo certo, ia. Só que, só por gostar, levava, de carro, dava jeito de levar, trazer, tudo”¹⁷.

Seus times eram formados por garotos jovens que tinham disponibilidade de jogar nos municípios. Quando ganhavam todos iam para o bar comemorar, o que também para esses jogadores era uma recompensa pelo mérito do jogo e por participarem do seu time. Nesses

¹⁵ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

¹⁶ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

¹⁷ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

grupos criam-se laços que os unem para alcançar determinados objetivos que beneficiam a todos. Mesmo o prêmio não sendo em dinheiro, o que está em jogo é mostrar para os não indígenas que também sabem jogar futebol tão bem quanto eles. Estes jogadores que faziam parte do time Laklãnõ eram amigos seus e de seus filhos, cunhados e também eram escolhidos dependendo de como jogavam. Os times femininos também faziam parte de um círculo próximo dele, como filhas, noras, filhas de seus amigos e alunas das escolas. Principalmente por ter lecionado na escola Laklãnõ, ele conhecia as meninas que dominavam melhor a técnica do futebol e as convidava para jogar no seu time.

“Montava um time tanto de menino, juventude, fazia aspirante tipo assim, tinha um time grande do campo, participava do meu [time no] campeonato municipal, aí tinha outros que era de futsal. Aí quando ganhava, dava umas cervejada também. Então tinha gente que gostava dessa parte, né, então eu ajudava a rapaziada porque eu também gostava um pouco de esporte, gostava de ver eles jogar e não perdia um jogo, né. Levava, quando eles iam eu ia junto, antigamente era por todo o lugar, Vitor Meirelles, Ibirama, toda a região aqui do Vale, quando tinha um torneio a gente ia. Depois tinha vários, não era só o futebol, gostavam de jogar bocha, sinuca, até fui campeão junto com o nosso [time], nossa [turma]”¹⁸.

Atualmente o senhor Zeca percebe que os times estão parando, desde a sua saída da organização de times, em 2010, e sua volta para a Igreja ele não tem mais contato com o futebol diretamente, o que não o impede de assistir jogos pela televisão ou no ginásio do município de José Boiteux.

“E fiquei anos assim, agora faz um ano e meio que eu larguei essa profissão aí, e voltei para a igreja. Agora sou evangélico, mas antes, eu gostava muito. Pô! Agora tá falido por tudo esse negócio de futebol, até aqui na reserva. [...] A rapaziada tão indo atrás de torneio aí... Mas até no município, acabou até o campeonato municipal”¹⁹.

O campeonato municipal mencionado pelo senhor Zeca é o campeonato de futebol de campo do município de José Boiteux, que não tem mais acontecido. Como resultado dessa situação o campo municipal apresenta péssimas condições de uso, com traves quebradas, gramado alto, em estado de abandono pelo poder público municipal. Entretanto, não é o caso do campeonato municipal de futsal que continua acontecendo. Em 2011 duas equipes da terra indígena participaram do evento.

O que se tem apresentado no período em que estive na terra indígena em relação ao “abandono” da prática do futebol é a influência da igreja nos membros da comunidade.

¹⁸ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

¹⁹ Conversa com o senhor Zeca Ndilli, 2012.

Diversos praticantes de alguma modalidade esportiva e em maior número no futebol estão repudiando os esportes em função da igreja. Exemplo este que acabamos de ver com a história do senhor Zeca, que a partir do momento em que voltou para a igreja deixou de lado a organização dos times para os campeonatos.

A segunda pessoa que trago para discutir sobre a organização dos times é o senhor Copacam. Desde sua infância jogou futebol e participou dos times que foram organizados na comunidade. Começou a jogar entre 6 e 7 anos de idade, em um campo de futebol que havia próximo onde hoje é aldeia Figueira. Aos 13 anos, o campo em que começou a jogar futebol não existia mais e passou a jogar na rua, usando pedras ou barro como traves. Sua bola era de plástico e aos finais de semana, quando se encontrava com o pessoal, jogava com uma bola de couro, *“eles falava de bola número 5 [de] 34 gomos, eles diziam, e então nós jogava com essa bola mais aos finais de semana”*²⁰.

No ano de 1992, quando foi morar em Blumenau²¹ para trabalhar e morar com seus familiares, jogava nas segundas, quartas e sextas-feiras à noite com o seus primos na quadra de futsal da PROEB²² e aos finais de semana jogava nos campinhos de areia no mesmo local. Mesmo residindo em outro município, isso não foi motivo para deixar de visitar a terra indígena e jogar futebol com seus familiares e amigos que moravam ali. Sempre teve participação nos eventos do município de José Boiteux e da comunidade indígena. Em 1995 esteve presente na inauguração do Ginásio Municipal de José Boiteux e participou do campeonato municipal de futsal, envolvendo 24 times. Nesse evento, o time organizado por ele ficou em terceiro lugar no campeonato. Em 1999 deixou a cidade de Blumenau e retornou à terra indígena Laklãnõ, onde organizou um campeonato entre as aldeias. A aldeia Figueira tinha três times, Sede, Palmeira e Pavão, com uma equipe cada e a aldeia Toldo não tinha jogadores.

No ano de 2000 organizou um time de futebol de campo que participou do campeonato municipal de futebol de campo de José Boiteux. O seu time sempre foi o representante da Aldeia Figueira, o que não o impedia de chamar pessoas de outras aldeias para jogar com a equipe. *“Em 2003 eu fiquei pra lá e fiquei um ano e pouco sem jogar e em 2004 eu voltei e nesse meio tempo o ginásio de esportes ficou pronto, aí começamos a jogar de novo o esporte, né”*²³. É nesses momentos que as pessoas que organizam os times para os campeonatos começam a perceber os jogadores. Eles são como olheiros e através desses jogos

²⁰ Conversa com o senhor Copacam, agosto de 2012.

²¹ Município do Estado de Santa Catarina, da região do Alto Vale do Itajaí.

²² Parque Vila Germânica – Blumenau. www.parquevilagermanica.com.br

²³ Conversa com o senhor Copacam em agosto de 2011.

de finais de semana dentro da terra indígena descobrem os jogadores que podem jogar no seu time. A única diferença é que esses jogadores não irão receber salário para jogar, mas terão transporte e a oportunidade de jogar com os não indígenas.

Em 2005 o time Figueira, comandado por Copacam, conquistou o título de campeão invicto no campeonato municipal de futsal. Copacam inclusive além de técnico era também jogador, ao contrário do senhor Zeca que parou de jogar futebol para “investir” nos mais jovens e dar lugar a eles para que pudessem mostrar o seu futebol. Em 2006 seu time passou por dificuldades de convivência entre os jogadores, causando a desclassificação no campeonato. No ano seguinte o time ficou em terceiro lugar e em 2008 ele resolveu não montar time nenhum pelo histórico de dificuldades nas relações entre os jogadores. Não se tem claro quais os motivos induziram essas brigas entre os jogadores, no entanto, percebo que esses acontecimentos são ocasionados por erros cometidos durante o jogo e que não terminam após o apito final. As discussões são levadas ao vestiário e às relações internas na aldeia, ocasionando um distanciamento nos laços afetivos que envolvem os jogadores.

Em 2009 Copacam organizou novamente um time de futsal que conseguiu ser campeão municipal de José Boiteux. Outro desentendimento entre os jogadores do time Figueira no ano de 2010 contribuiu para a desclassificação tanto no time masculino quanto no feminino e afetou a construção de um time para o campeonato em 2011. Em conversas informais que tive na UFSC com o organizador do time, e até mesmos nos intervalos das aulas da licenciatura indígena em agosto de 2011, ele me dizia que estava desapontado com algumas situações que vinham ocorrendo nos campeonatos passados e que nesse ano, 2011, não iria atrás dos jogadores e nem da organização do campeonato. *“Ano passado [2010] nós entramos de novo praticamente com a base do time, nós tinha tudo pra ganhar, mas, houve desentendimento entre os jogadores do próprio time e acabamos sendo desclassificado. Então por isso eu achei de não entrar esse de novo [...]”²⁴*.

Esta autoridade marcada no time não é criada apenas por Copacam, e sim pelos jogadores, pois a partir do momento em que recorrem ao organizador do time demonstram que estão dispostos a participar e a respeitar as regras do time que irão representar. São trocas de relações inseridas na formação dos times e também com possibilidade para a política que se faz dentro da comunidade.

“A prefeitura de José Boiteux sempre incentivou, deu apoio pra comunidade lá dentro... De tá participando do campeonato ali fora. E Vitor Meirelles nos ajudaram sempre com auxílio, pra nós tá participando do campeonato em

²⁴ Conversa com o senhor Copacam, agosto de 2011.

Vitor Meirelles, então tem a ver com a política lá de fora também, tudo puxa, a política lá de fora se envolve com a política lá de dentro, tanto na parte administrativa como no esporte”.

Neste sentido as prefeituras ou os partidos políticos esperam por um retorno daqueles indígenas que estão envolvidos durante as eleições nos municípios, não há um caráter obrigatório em colaborar com as eleições. Como é o caso de Copacam, que não está filiado a nenhum partido “*porque eu não quero ser refém de ninguém*”²⁵. Ser filiado a algum partido pode trazer ou até mesmo deixar de trazer algumas melhorias para a comunidade, neste caso, o esporte. Nesta forma de trabalhar ou administrar que o cacique da aldeia Figueira apresenta, é possível manter relações com os diversos partidos políticos existentes na região, sendo assim, pode escolher e ter opções para quem pedir apoio quando for necessário.

A terceira e última pessoa que irei trazer para o texto como um dos organizadores dos times para os jogos fora da aldeia é Douglas Braatz Caxias Popó, um rapaz graduando no curso de Educação Física da UNIASSELVI, genro do cacique geral José Ndilli (Zeca). Douglas começou a jogar futebol na infância com seus amigos nos campos da terra indígena e na escola Laklãnõ.

“Quando eu comecei primeiramente era difícil eu jogar, porque meu pai era crente e não deixava, né. A primeira [vez] que eu saí jogar fora, pros campeonato, eu saí fugido [risos]. Eu fugi pra jogar no primeiro campeonato e quando voltei, ele [seu pai] brigou e tal, mas daí no próximo ano eu já comecei a jogar, joguei dois anos consecutivos no campeonato municipal que acontece em José Boiteux²⁶”.

A possibilidade de montar um time veio a partir do momento em que ele percebeu que havia mais pessoas querendo jogar e que apresentavam dificuldades para isso. Contudo, no início recebeu ajuda do senhor Zeca, que é seu sogro e sempre apoiava os jovens para irem aos campeonatos no município de José Boiteux. Mas nos últimos anos ele tem organizado os times sozinho, em razão do senhor Zeca ter retornado para a igreja. “*Aí, como eu [vi] que era difícil o acesso e [tinha] muita gente que queria jogar também e não podia, aí eu comecei a criar os clubes também né, a gente tem o clube hoje*”²⁷. O time Laklãnõ tem participado dos últimos quatro anos nos campeonatos municipais e em 2011 ficou invicto no campeonato, chegou à final mas foi derrotado pelo time da cidade. No entanto, o time Laklãnõ também era organizado pelo senhor Zeca, como vimos anteriormente.

²⁵ Conversa com o senhor Copacam, agosto de 2011.

²⁶ Conversa com Douglas, 2012.

²⁷ Conversa com Douglas, 2012.

Nos períodos em que estive com o time e quando acompanhei alguns jogos no campeonato de 2011, alguns jogadores faziam parte da sua família, como irmãos, primos, cunhados e outros jogadores eram amigos que jogavam as peladas e que foram “selecionados” para participar do time. *“Então por questão de amizade a gente também, pra amigos a gente pensou, não vamos fazer um clube, vamos fazer o nosso clube pra gente jogar e tal. Então era entre amigos”*²⁸. Este time tem um caráter mais fechado, primeiro se tem uma base de jogadores composta pela família e a outra base composta pelos amigos ou selecionados para participar, sendo que este modelo de time e de organização não interfere na questão de quem é titular e quem é reserva. Sempre começam jogando os “melhores” selecionados por Douglas, que além de organizador/técnico, é jogador, constituindo desse modo a mesma característica encontrada no time do Copacam, técnicos- jogadores.

Os “melhores” sempre partem da visão ou do conhecimento técnico que o organizador e/ou técnico do time possui referente ao futebol. Como ocorre entre os Bororo “[...] quando vão jogar fora da aldeia, são escolhidos jogadores que sabem jogar bem [...]” (GRANDO, 2004, p. 282), o jogar bem, no caso dos Laklãõ/Xokleng, parte dos princípios básicos da técnica do futebol, dominação de bola, passe, chute, entre outros.

“Aí é uma questão mais de técnica, de habilidade, aquele lá tem um bom drible, um bom passe, aquele joga em coletivo, aquele outro chuta bem, então, são essas qualidades que a gente verificava bastante e dizia: não, esse eu quero que jogue comigo. A gente formava equipes e equipes boas, e até a gente já teve campeonatos bem disputados²⁹”.

No início da formação dos times, em 2008. Douglas era professor da escola Laklãõ e alguns dos jogadores do time Laklãõ estudavam no terceiro ano do ensino médio. Durante as aulas de educação física ele observava os rapazes que poderiam fazer parte do time. Quando “selecionava” os jogadores, combinavam-se os horários dos treinos, que sempre aconteciam à noite na quadra coberta da escola. *“Quando eles escutam a notícia que vai abrir campeonato eles já vêm perguntando se tu vai fazer time, se tem vaga, às vezes eles não jogam comigo mas vem de fora pra querer jogar junto assim. Só que infelizmente a gente não consegue levar todo mundo”*³⁰, observa.

Os jovens que participam do time têm uma faixa etária entre 18 e 25 anos de idade e são apenas 12 jogadores em cada time de futsal no campeonato organizado pelo município. Mas, para que esses jogadores permaneçam no time devem seguir algumas regras e uma delas é o

²⁸ Conversa com Douglas, 2012.

²⁹ Conversa com Douglas, 2012.

³⁰ Conversa com Douglas, 2012.

caso da bebida alcoólica. Em casos quando o jogador exagera no consumo do álcool no dia que antecede o jogo no campeonato, o indivíduo fica proibido de participar, por estar de ressaca ou ainda por estar sob efeito do álcool.

“No tempo que vai ter jogo a gente combina com o pessoal: oh, vamos jogar nesse final de semana, então tu não bebe antes do jogo, então daí eles levavam a sério, não bebiam, e quando não tem futebol eles ficam, vão tomar uma cachaça, então isso acaba com a pessoa”³¹.

Tanto para Douglas quanto para o senhor Zeca o esporte é visto como algo “salvador”, que tem o poder de tirar as pessoas das drogas “*e isso é tudo de falta de ter o que fazer*”³². Para os Laklãnõ/Xokleng, o que se tem percebido com a formação desses times é a criação de grupos que ocupam o tempo livre jogando futebol, a iniciativa de mostrar para os não indígenas que eles sabem jogar futebol e muitas vezes ajudam a quebrar preconceitos que ainda existem na região sobre os indígenas.

Outro interesse na construção do time Laklãnõ sob a organização do jovem Douglas é a participação dos campeonatos da liga SDR³³. O evento acontece todos os anos e neste campeonato amador a visibilidade dos jogadores é maior, com isso eles poderiam apresentar o seu futebol para outros times da região, chegando a alcançar alguma série do campeonato catarinense. Contudo, o que se apresenta é uma tentativa de profissionalização do time com treinos, regras e técnico para selecionar os jogadores.

Essa característica do time Laklãnõ pode estar relacionada com a formação acadêmica do técnico atual, no caso Douglas, por cursar Educação Física em uma instituição de ensino superior da região. Seu aprendizado possibilita a formação de um time ou clube, como ele chama, com a intenção de mostrar às outras pessoas que o time exibe boas qualidades técnicas para a prática do futebol.

Numa tentativa de institucionalização do time, no entanto, o grupo de jogadores só é formado às vésperas do campeonato, sendo a pelada um jogo não oficial e sem diferença de time, Figueira contra Laklãnõ, por exemplo. Tornar possível a formalização do time implicaria em seguir regras, horários, exigências que um clube de futebol possui. Neste caso, o time Laklãnõ surge para unir os amigos e familiares para constituir um time e participar dos campeonatos locais.

³¹ Conversa com Douglas, 2012.

³² Conversa com Douglas, 2012.

³³ Secretaria de Desenvolvimento Regional - Campeonato da Liga Riosulense de Futebol, filiada à Confederação Catarinense de Futebol - Taça SDR de Futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de modalidades esportivas dentro da TI entre as pessoas que frequentam a igreja Assembleia de Deus ocorre apenas na escola, durante as aulas de educação física. Sendo assim, os professores da escola Laklãñ/Xokleng encontram dificuldades para inscrever os alunos em campeonatos com as escolas dos municípios limítrofes, e muitas vezes essa barreira está nos pais dos alunos que pertencem à igreja e não autorizam os filhos a participar desses eventos. Ao contrário do que os professores afirmam, os pais justificam dizendo que o esporte não traz benefícios para a vida da criança.

Partindo da definição de jogo referida no texto por Roger Caillois (1990), o jogo de futebol entre os Laklãñ/Xokleng é uma ocupação que não está isolada no cotidiano da comunidade. O jogo é uma forma de unir, no sentido de que o futebol é um meio em que os sujeitos interagem uns com os outros sem mesmo terem trocado alguma palavra durante a semana. Neste momento as questões políticas não afetam a continuidade e as relações entre os jogadores durante o jogo, no entanto, a dificuldade que ainda encontram para jogar está relacionada à Igreja Assembléia de Deus, que proporciona uma barreira para aqueles que querem jogar, mas por pertencerem ao segmento religioso pentecostal ficam impedidos de praticar o futebol.

ORGANIZATION OF TEAMS IN THE INDIGENOUS FOOTBALL LAKLÃÑ

ABSTRACT

This paper is an excerpt from my dissertation entitled "The game of football game and the relationships between Laklãñ / Xokleng by the Post - Graduate Education (PPGE) at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). For a long time football has been entering in indigenous societies as a body practice that encourages integration and exercise. The research is being conducted in the Indigenous Laklãñ / Xokleng. And seeks to understand the sport / football training and cultural body of Indian society Laklãñ / Xokleng. Therefore, the research question of this study is how the sport / football can contribute to the formation of social relations body of a society? For better orientation of the research effort on the problem, we select some guiding questions of the study: What is the shape changes within the body practices of this community? Football collaborates Xokleng cultural training? Because this sport is recreated within the community?

KEYWORDS: *Football 1; History 2; Organization of the Times 3;*

ORGANIZAÇÃO DE LOS EQUIPOS EN EL FÚTBOL INDÍGENA LAKLÃÕ

RESUMEN

Este artículo es un extracto de mi tesis doctoral titulada "El juego del partido de fútbol y las relaciones entre Laklãõ / Xokleng por el Post - Estudios de Posgrado (PPGE) de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). Para un fútbol mucho tiempo ha estado entrando en las sociedades indígenas como una práctica corporal que favorece la integración y el ejercicio. La investigación se está llevando a cabo en la Laklãõ Indígena / Xokleng. Y trata de entender el entrenamiento deportivo / fútbol y el cuerpo cultural de la sociedad india Laklãõ / Xokleng. Por lo tanto, la pregunta de investigación de este estudio es cómo el deporte / fútbol puede contribuir a la formación del cuerpo de las relaciones sociales de una sociedad? Para una mejor orientación de la labor de investigación sobre el problema, seleccionamos algunas de las preguntas que guían el estudio: ¿Cuál es la forma cambia dentro de las prácticas corporales de esta comunidad? Fútbol colabora Xokleng formación cultural? Debido a que este deporte se vuelve a crear en la comunidad?

PALABRAS CLAVES: Fútbol 1; Historia 2 Organización de los tiempos 3;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens – a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CARDOSO, Ana Lúcia. Futebol: paixão das multidões. In: Kunz, Elenor (org). Didática da educação física 3: futebol. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GRANDO, Beleni Salete. Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT. (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2004.
- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp. 1974.
- TASSINARI, A. M. I. No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003.